

A REPRESENTAÇÃO SINTÁTICA DO ASPECTO *PERFECT*: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O PORTUGUÊS E O ITALIANO¹

JULIANA BARROS NESPOLI²
(UFRJ)

ADRIANA LEITÃO MARTINS³
(UFRJ)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é contribuir para uma proposta de representação sintática do aspecto *perfect*, ou seja, propor uma configuração estrutural para esse aspecto na árvore sintática. Para tanto, desenvolvemos uma análise comparativa de características morfossintáticas relativas à expressão dos tipos de *perfect* universal e existencial no português e no italiano. Observamos, nas duas línguas investigadas, uma classe de advérbios distinta para cada tipo de *perfect*, bem como formas verbais distintas na expressão dos dois tipos. A análise dessas características morfossintáticas nos leva a propor uma projeção para cada tipo de *perfect* na representação sintática da sentença, diferentemente da proposta de que haveria uma única projeção na representação sintática relativa aos dois tipos de *perfect* verificada em Alexiadou, Rathert & Von Stechow (2003). Além disso, propomos que o valor aspectual de continuidade e o valor aspectual de resultatividade estejam associados às projeções de universal e de existencial, respectivamente. Refutamos, portanto, a hipótese de que há uma representação sintática comum para os dois tipos de *perfect*.

Palavras-chave: aspecto *perfect*; análise comparativa; representação sintática.

ABSTRACT: The aim of this article is to contribute to a representational proposal of the perfect, that is, to propose a structural configuration for this aspect in the syntactic tree. In order to do so, we developed a comparative analysis of morphosyntactic characteristics related to the expression of universal and existential perfect in Portuguese and Italian. It was observed, in both investigated languages, the use of a distinct adverbial class and the use of different verbal forms in the expression of each type of perfect. The analysis of those morphosyntactic characteristics led us to propose one projection for each type of perfect in the syntactic representation of the sentence, unlike the proposal that there is a single projection in the syntactic representation related to both types of perfect verified in Alexiadou, Rathert & Von Stechow (2003). Besides, it was proposed that the aspectual values of continuity and resultativity are associated with the universal and existential projections, respectively. Hence, the hypothesis that there is a common representation to both types of perfect was refuted.

Keywords: perfect aspect; comparative analysis; syntactic representation.

¹ Agradecemos aos avaliadores pela contribuição com a leitura e os comentários sugeridos para este trabalho.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: juliana_nespoli@yahoo.com.br

³ Professora Adjunta do Departamento de Linguística e Filologia, da Pós-graduação em Linguística e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro – RJ, Brasil. E-mail: adrianaleitao@ufrj.br

INTRODUÇÃO

Um dos pressupostos assumidos neste trabalho é o de que o inventário de projeções das categorias funcionais seja universal, de modo que algumas das diferenças entre as línguas se restringiriam ao modo como os traços presentes nessas projeções são realizados (SIGURÐSSON, 2004; CINQUE & RIZZI, 2008). Com isso, faz-se necessário estabelecer dois níveis distintos: o nível da representação estrutural abstrata, também chamado de representação sintática ou estrutura arbórea da sentença, e o nível das realizações dessa representação. No tocante à relação entre esses níveis, propostas sobre a representação estrutural abstrata das categorias funcionais têm sido estabelecidas em muitos estudos com base na comparação de realizações da mesma categoria entre as línguas.

Dentre as categorias possíveis de serem investigadas, encontra-se a de aspecto. Essa categoria é de especial interesse neste estudo, visto que o *perfect*, objeto de estudo deste trabalho, pode ser considerado um tipo de aspecto. Aspecto é comumente definido a partir do trabalho de Comrie (1976). Segundo esse autor, podemos dizer que a distinção aspectual básica se dá entre perfectividade e imperfectividade da situação. Tal distinção aspectual faz referência à constituição temporal interna da situação: uma vez localizada temporalmente, a situação pode ser enfatizada pelo todo do intervalo de tempo, no caso do perfectivo, ou pela estrutura interna do intervalo de tempo, no caso do imperfectivo. Haveria ainda um terceiro tipo de aspecto, o *perfect*, cujo valor não caracteriza uma oposição aspectual em relação aos outros dois aspectos.

Neste trabalho, pretendemos investigar o aspecto *perfect*, pois se trata de um fenômeno que, interessantemente, envolve uma complexa configuração da camada flexional. Objetivamos, assim, contribuir para uma proposta de representação sintática desse aspecto a partir da comparação de algumas das suas realizações no português e no italiano.⁴

Este artigo está dividido em três seções: na seção 1, abordamos a definição do aspecto *perfect* e as discussões presentes na literatura relevantes para este trabalho; na seção 2, abordamos as realizações de *perfect* no português e no italiano e apresentamos a comparação entre essas línguas; na seção 3, abordamos a discussão deste trabalho no tocante à representação sintática desse aspecto.

1. SOBRE O PERFECT

O estudo do aspecto *perfect* tem sido realizado por diferentes perspectivas teóricas. Neste trabalho, adotamos a “teoria do agora estendido”,⁵ cuja ideia principal, de acordo com as versões preliminares da teoria, é a de que, na expressão do *perfect*, a noção de presente é estendida a ponto de alcançar o início da situação, que se deu no passado.

⁴ Não há, neste trabalho, um comprometimento com a descrição de uma variante específica de cada língua, visto que não se pretende realizar um estudo quantitativo das realizações de *perfect* nessas línguas, mas sim se pretende fazer um breve levantamento de possíveis realizações a fim de contribuir para uma proposta representacional desse aspecto.

⁵ Tradução nossa para *extended now theory*.

Nas versões preliminares da teoria do agora estendido, o intervalo de tempo era conhecido como XN, conforme proposto por McCoard (1978). Em versões posteriores dessa mesma teoria, como em Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) e em Pancheva (2003), esse intervalo ficou conhecido como *perfect time span*⁶ (ou PTS), pois se trata de um intervalo que inclui o momento do evento e se estende a um momento de referência, podendo esse momento coincidir com o presente, com o passado ou com o futuro: no caso do presente, teríamos o tempo verbal conhecido no inglês como *present perfect*; no caso do passado, teríamos o tempo verbal conhecido no inglês como *past perfect*; no caso do futuro, teríamos o tempo verbal conhecido no inglês como *future perfect*. Assim, verificamos que a definição do *perfect* deixa de contemplar a extensão do intervalo de tempo exclusivamente até o presente, de acordo com a noção de intervalo XN, passando a considerar a extensão do intervalo de tempo até um momento de referência, de acordo com a noção de intervalo PTS.

Os três tempos verbais mencionados anteriormente estão ilustrados, respectivamente, em (1), cujas sentenças foram adaptadas de exemplos extraídos de Comrie (1976). Podemos dizer que, no primeiro caso, o aspecto *perfect* se combina ao tempo presente; no segundo, ao tempo passado; no terceiro, ao tempo futuro. As discussões e análises deste trabalho se restringem à combinação do aspecto *perfect* ao tempo presente, ou seja, se restringem ao modo como as línguas investigadas realizam as informações aspectuais de *perfect* contidas em (1a).

- (1) a. *I have lost my penknife.*
Eu perdi meu canivete.
- b. *I had eaten the fish.*
Eu tinha comido o peixe.
- c. *I will have eaten the fish.*
Eu terei comido o peixe.

Na figura 1 a seguir, apresentamos um esquema, no qual pode ser observada a representação em linha do tempo do intervalo PTS em que o aspecto *perfect* se combina ao tempo presente. De acordo com esse esquema, verificamos que o momento do evento, indicado por E, é anterior ao momento da fala, indicado por F, e ao momento de referência, indicado por R. Assim, dizemos que E se encontra em uma fronteira à esquerda do intervalo PTS, cuja especificação indica o início da situação. Nessa configuração, F e R coincidem temporalmente, encontrando-se em uma fronteira à direita do intervalo PTS, cuja especificação indica a persistência ou os efeitos da situação no presente.

⁶ Podemos traduzir esse termo como “intervalo de tempo de *perfect*”. Optamos por manter o termo em inglês, dada a tradição de não o traduzir.

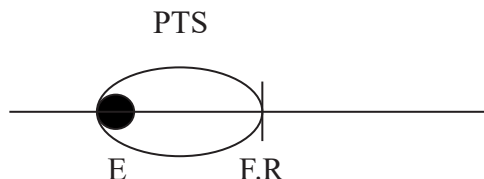


Figura 1: Representação em linha do tempo do intervalo PTS.

É importante destacar que há autores como Mittwoch (1988) que, em linhas gerais, adotam o modelo de representação do intervalo PTS apresentado na figura 1, mas redefinem a fronteira à direita. Essa autora propõe que R inclui F, pois R é definido por uma noção de tempo presente, e não exclusivamente o tempo exato da fala. A análise proposta para este estudo assume o modelo proposto na figura 1, considerando a redefinição proposta por autores como Mittwoch (1988) de que a fronteira à direita seja caracterizada pelo presente e não apenas por F.

Ao examinarmos os recursos linguísticos que nos permitem expressar o intervalo PTS apresentado esquematicamente na figura 1, verificamos que um desses recursos é a forma verbal. O exemplo do inglês em (1a) apresenta uma forma verbal que corresponde à perífrase formada pelo verbo auxiliar “to have” no presente, combinado à forma de particípio passado do verbo principal (perífrase conhecida como passado composto). O uso dessa perífrase no inglês na sentença em questão pode gerar uma interpretação da sentença segundo a qual a situação da perda do canivete se deu no passado e os efeitos dessa perda permanecem no presente, isto é, o canivete permanece perdido.

Outro recurso que nos permite expressar esse intervalo e, até mesmo, determinar com maior precisão a fronteira à direita e a fronteira à esquerda é o uso de certos advérbios/expressões adverbiais. Segundo autores como Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) e Pancheva (2003), haveria uma classe de advérbios responsáveis por especificar informações aspectuais de *perfect*. No português, podemos exemplificar essa classe de advérbios com os seguintes advérbios/expressões adverbiais: “já” (advérbio que especifica a fronteira à direita), “desde X tempo” (expressão adverbial que especifica a fronteira à esquerda) e “sempre” (advérbio que especifica as duas fronteiras).

No que diz respeito à fronteira à direita em particular, devemos mencionar que essa pode ser alcançada no decorrer da situação de duas maneiras, conforme mencionado anteriormente: ou por meio da persistência no presente da situação passada ou por meio dos efeitos no presente da situação passada. Obtemos, assim, duas informações semânticas aspectuais distintas: a primeira, que corresponde à continuidade da situação, e a segunda, que corresponde à não continuidade da situação, tendo em vista que a situação em si é finalizada no passado e apenas seus efeitos permanecem no presente.

Em virtude da distinção semântica observada entre persistência no presente e efeitos no presente da situação passada, autores como Mittwoch (1988) e outros inseridos no âmbito da teoria do agora estendido propõem a existência de dois tipos de *perfect*: o universal e o existencial.⁷ Quando associado ao presente, o primeiro é caracterizado pela indicação da persistência da situação passada no presente, conforme podemos verificar em (2a), e o segundo, pela indicação dos efeitos da situação passada no presente, conforme podemos verificar no exemplo em (1a), retomado em (2b). Portanto, uma das interpretações possíveis para (2a) é a de que a situação de morar persiste até o presente; já em (2b), conforme mencionado, a situação da perda do canivete já está finalizada, mas o resultado da perda permanece no presente.

- (2) a. *I have lived here for ten years.*
Eu moro aqui há dez anos.
- b. *I have lost my penknife.*
Eu perdi meu canivete.

A análise dos exemplos em (2) nos sugere que, no inglês, quando associado ao presente, o aspecto *perfect*, tanto o do tipo universal quanto o do tipo existencial, parece ser realizado formalmente por uma morfologia específica, nesse caso, pelo passado composto. Ao se identificar uma única morfologia capaz de expressar os dois tipos de *perfect* no inglês, independentemente da distinção semântica observada entre eles, propostas de cunho estrutural estabelecidas passaram a considerar uma projeção funcional comum para esses dois tipos (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003). Assim, verificamos propostas de representação sintática para o aspecto *perfect* que estão de acordo com a proposta presente na figura 2 a seguir.

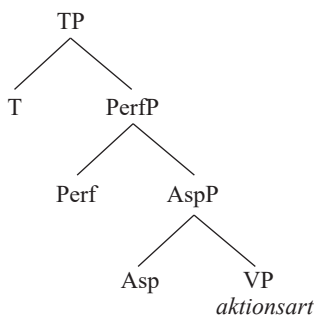


Figura 2: A projeção do aspecto *perfect* na camada flexional segundo Alexiadou, Rathert & Von Stechow (2003).

⁷ É importante mencionar que a proposição de uma distinção semântica em dois tipos como a descrita neste trabalho não é consensual. Em trabalhos como o de Comrie (1976), por exemplo, é proposta a existência de quatro distinções semânticas que corresponderiam a quatro tipos de *perfect*. São eles: *perfect* de situação persistente, *perfect* de resultado, *perfect* de passado recente e *perfect* experiencial. Neste trabalho, adotamos a proposta que prevê a existência de dois tipos de *perfect*, com base em trabalhos como o de Novaes & Nespoli (2014), no qual se verificou que uma proposição dessa natureza é mais enxuta e captura uma generalização semântica.

Como uma tentativa de abstrair as diferenças entre as propostas existentes acerca da representação sintática do aspecto *perfect*, Alexiadou, Rathert & Von Stechow (2003) propõem a estrutura arbórea na figura 2. Essa estrutura apresenta uma simplificação das projeções funcionais na camada flexional. Revelam-se apenas aquelas projeções que os autores consideram relevantes para o aspecto *perfect*.

A proposta observada na figura 2 apresenta resumidamente uma hierarquia com a projeção máxima de tempo (TP) acima da projeção máxima de *perfect* (PerfP), que, por sua vez, se encontra acima da projeção máxima de aspecto (AspP). Essa última projeção se refere à oposição entre os aspectos básicos: o perfectivo e o imperfectivo. Assumimos que essa oposição seja caracterizada pela presença de traços aspectuais como [\pm delimitado]. De um lado, o traço [+delimitado] está associado ao aspecto perfectivo; de outro, o traço [-delimitado] está associado ao aspecto imperfectivo. Percebemos, assim, que somente uma situação perfectiva pode apresentar uma leitura de *perfect* existencial, visto que esse tipo de *perfect* prevê a finalização da situação, e somente uma situação imperfectiva pode apresentar uma leitura de *perfect* universal, visto que esse tipo de *perfect* prevê a continuidade da situação. Tais observações são relevantes para as análises propostas neste trabalho e serão retomadas na seção 3.

Com base nas observações de cunho estrutural apontadas, devemos destacar que (i) parece haver uma projeção do aspecto *perfect* na camada flexional (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003); (ii) parece haver uma representação sintática comum para os tipos de *perfect*, havendo, portanto, uma única projeção para o *perfect* (ALEXIADOU, RATHERT & VON STECHOW, 2003; IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003); (iii) parece haver uma distinção sintática entre os tipos de *perfect* (IATRIDOU, ANAGNOSTOPOULOU & IZVORSKI, 2003; PANCHEVA, 2003), sendo decorrente de determinadas especificações dos traços [\pm delimitado].

Podemos supor, inicialmente, que todos esses pressupostos sejam assumidos consensualmente na teoria do agora estendido. Contudo, devemos destacar que o pressuposto (2) mencionado anteriormente, segundo o qual haveria uma estrutura comum para explicar os diferentes tipos de *perfect*, não é consensual. Mittwoch (1988), por exemplo, embora adote a teoria do agora estendido, acredita que o *perfect* universal difira do *perfect* existencial não somente do ponto de vista semântico como também do ponto de vista da representação estrutural abstrata, diferentemente do que se observa em trabalhos como o de Alexiadou, Rathert & Von Stechow (2003), o de Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) e o de Pancheva (2003).

Apesar de assumirem diferentes pressupostos, é necessário destacar que as análises tanto do trabalho de Mittwoch (1988) quanto dos trabalhos de Alexiadou, Rathert & Von Stechow (2003), de Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) e de Pancheva (2003) estão baseadas nas realizações de *perfect* no inglês. Verificamos, assim, que as propostas de representação sintática existentes para esse aspecto estão fortemente associadas às características morfossintáticas dessa língua. Nesse sentido, é possível que análises de características morfossintáticas de outras línguas possam confirmar ou refutar tais propostas.

Como vimos anteriormente, o inglês pode apresentar uma relação direta entre realização e informação aspectual de *perfect* subjacente, visto que os dois tipos de *perfect*, quando associados ao presente, podem ser expressos pelo passado composto. Contudo, nem todas as línguas parecem apresentar uma relação uniforme como essa.⁸ Comrie (1976), ao fazer referência à realização do *perfect* nas línguas românicas, por exemplo, afirma que o passado composto, em oposição ao passado simples, pode veicular o sentido de *perfect* ou não, dependendo da língua, o que não acontece com o passado composto no inglês. Logo, podemos supor que as realizações de *perfect* nas línguas românicas não sejam uniformes.

Assumindo uma possível não uniformidade na expressão do *perfect* nas línguas românicas e que essa não uniformidade pode nos revelar características fundamentais para uma análise de cunho estrutural, optamos por investigar comparativamente o português e o italiano. Temos, portanto, como objetivo geral contribuir para uma proposta de representação sintática do aspecto *perfect*. Para tanto, buscamos analisar as características morfossintáticas do português e do italiano no tocante aos dois tipos de *perfect* a fim de alcançar o objetivo proposto. Com isso, estabelecemos como objetivo específico comparar algumas das realizações nessas línguas no que diz respeito aos dois tipos de *perfect*. Pretendemos refutar a hipótese de que há uma representação sintática comum para os dois tipos de *perfect*.

2. AS REALIZAÇÕES DO PERFECT

Nesta seção, apresentamos algumas realizações do *perfect* no português e no italiano. É preciso esclarecer inicialmente que os dados apresentados aqui foram retirados de trabalhos sobre o *perfect* nas línguas em questão. Nesse sentido, não se pretende propor uma descrição apurada de cada um desses sistemas de língua no tocante ao *perfect*, tampouco se pretende propor uma análise de cunho quantitativo acerca das realizações desse aspecto. O levantamento das realizações proposto tem como objetivo fundamentalmente a busca por um sistema de correspondência entre representação sintática/realização.

⁸ Consideramos que a relação uniforme do inglês entre o passado composto e a informação aspectual de *perfect* subjacente diz respeito ao fato de essa forma verbal expressar necessariamente esse aspecto. Ao falar em relação uniforme, não consideramos, por exemplo, o fato de, no inglês, ser possível expressar os dois tipos de *perfect* por meio de outras formas verbais, tal como proposto em Lopes (2016). Nesse trabalho, a autora verificou que a perífrase progressiva e o passado simples são alternativas de expressão, respectivamente, do universal e do existencial no inglês britânico. Podemos supor que esse panorama observado no inglês britânico possa ser o mesmo no inglês americano.

2.1. Algumas das realizações do *perfect* no português

Iniciamos a apresentação das realizações do *perfect* no português considerando as informações presentes em uma das gramáticas dessa língua: a “Nova gramática do português contemporâneo” de Cunha & Cintra (1985). Nessa gramática, estabelece-se a seguinte distinção que pode ser retomada a propósito da discussão acerca do aspecto *perfect*: de um lado, verificamos o pretérito perfeito simples, que corresponde ao passado simples, e, de outro lado, o pretérito perfeito composto, que corresponde ao passado composto.⁹ A primeira forma verbal exprime uma situação completamente concluída. Já a segunda exprime geralmente a repetição da situação ou a sua continuidade no presente.

Em consonância com o proposto pela gramática de Cunha & Cintra (1985), autores como Ilari (2001) e Molsing (2010) assumem que o passado composto expressa, de fato, situações que têm início no passado e que mantêm relação com o presente. No exemplo em (3a) a seguir, verificamos a realização de *perfect* no português por meio dessa forma verbal, que está em negrito, através da qual observamos que a situação de recebimento do jornal teve início em 1990 e se estende até o presente. Já no exemplo em (3b), a forma verbal de passado composto, que também se encontra em negrito, é incompatível com a expressão adverbial “até 1990”, já que essa expressão indicaria a conclusão da situação. O tipo de *perfect* expresso pelo passado composto no português é o universal. Os exemplos em (3) foram adaptados de Molsing (2010).

- (3) a. O vizinho **tem recebido** o jornal em casa desde 1990.
 b. *O vizinho **tem recebido** o jornal em casa até 1990.

Ainda considerando a realização do *perfect* universal, autores como Novaes & Nespoli (2014) apontam algumas alternativas ao passado composto no português, conforme podemos verificar nos exemplos em (4), adaptados do trabalho dos autores. Em (4a), a forma verbal, em negrito, que expressa *perfect* é o presente do indicativo e, em (4b), é a perífrase progressiva dessa língua.¹⁰

- (4) a. Eu **moro** no Rio de Janeiro (desde 1990).
 b. Eu **estou estudando** para concursos (ultimamente).

No que diz respeito à análise dos exemplos em (4), devemos atentar para as expressões adverbiais que se encontram entre parênteses: em ambas as sentenças, a expressão adverbial é responsável por determinar a fronteira à esquerda, ou seja, o início da situação. Desse modo, a leitura de *perfect* universal, nesses exemplos, está amplamente apoiada na expressão adverbial, visto que essas formas verbais podem expressar outras informações aspectuais.

⁹ No português, o passado composto é formado pelo verbo auxiliar “ter” no presente, combinado à forma de particípio passado do verbo principal.

¹⁰ A perífrase progressiva no português é formada por um verbo auxiliar no presente (como “estar”, “ficar” e “andar”) combinado à forma de gerúndio do verbo principal.

Considerando a realização do *perfect* existencial no português, verificamos que os exemplos em (5) nos indicam que esse tipo de *perfect* é realizado pelo passado simples, em negrito. Nos dois exemplos, observamos que o passado simples parece expressar a ideia de que a situação foi finalizada no passado. No exemplo adaptado de Travaglia (1981) em (5a), a relação com o presente é dada pelo advérbio “já”, que determina a fronteira à direita. No exemplo em (5b), percebemos que há um resultado subsequente à preparação da comida, ou seja, que a comida está preparada no momento presente, com base na informação de que ela está pronta para o jantar. Devemos mencionar que nada a respeito desse tipo de *perfect* é previsto pela gramática de Cunha & Cintra (1985).

- (5) a. José já **esteve** no sul do país.
b. João **preparou** a comida e ela está pronta para o jantar.

2.2. Algumas das realizações do *perfect* no italiano

Iniciamos a apresentação das realizações do *perfect* no italiano considerando as informações presentes em uma das gramáticas dessa língua: “*La nuova grammatica della lingua italiana*” de Dardano & Trifone (1997). Nessa gramática, estabelece-se a seguinte distinção que pode ser retomada a propósito da discussão acerca do aspecto *perfect*: de um lado, verificamos o *passato remoto*, que corresponde ao passado simples, e, de outro lado, o *passato prossimo*, que corresponde ao passado composto.¹¹ A primeira forma verbal exprime uma situação concluída no passado, sem descrever o seu desenvolvimento e a sua relação com o presente. Já a segunda exprime geralmente uma situação realizada no passado, mas que mantém alguma relação com o presente. É interessante destacar que essa relação com o presente pode ser interpretada tanto como a indicação da persistência da situação passada no presente, o que caracteriza o *perfect* universal, quanto a indicação dos efeitos da situação passada no presente, o que caracteriza o *perfect* existencial.

Em contraposição ao estabelecido pela gramática mencionada, autores como Giorgi & Pianesi (1997) afirmam que o passado composto no italiano, assim como o passado simples, expressa uma noção puramente de passado, sem expressar qualquer relação entre a situação passada e a sua relevância no presente. Dessa maneira, tanto o passado simples quanto o passado composto seriam perfeitamente compatíveis com advérbios de tempo passado como “*ieri*” (“ontem”), por exemplo. Tal compatibilidade pode ser verificada nos exemplos em (6a) e (6b), adaptados de Magnotta (2011), nos quais estão em negrito as formas verbais simples e composta, respectivamente.

- (6) a. **Mangiai** una pizza ieri.
Comi uma pizza ontem.
b. Ieri **ho mangiato** una pizza.
Ontem, comi uma pizza.

¹¹ No italiano, o passado composto é formado pelo verbo auxiliar “*avere*” ou “*essere*” no presente, combinado à forma de particípio passado do verbo principal.

Tendo em vista, com base em Giorgi & Pianesi (1997), que o passado composto no italiano não ocorre em contexto de realização do *perfect* no que diz respeito ao tipo universal, autores como Arozio (2005) apontam que uma alternativa para expressar a persistência da situação passada no presente é através do presente do indicativo, que se encontra em negrito no exemplo em (7), do próprio autor. A essa forma verbal pode se combinar uma expressão adverbial que apresenta valor aspectual de *perfect*, como “*da due anni*”¹² na sentença em (7). Tal expressão adverbial determina a fronteira à esquerda.

- (7) **Vivo** a Torino da due anni.
Vivo em Turim há dois anos.

Considerando a realização do *perfect* existencial no italiano, os exemplos em (8) nos indicam que esse tipo de *perfect* é realizado pelo passado composto,¹³ em negrito. Nos dois exemplos, observamos que o passado composto parece expressar a ideia de que a situação foi finalizada no passado. No exemplo em (8a), a relação com o presente é dada pelo advérbio “*già*”, que determina a fronteira à direita. No exemplo em (8b), percebemos que há um resultado subsequente à perda da chave, ou seja, que a chave está perdida no presente, pois a sentença em (8b) foi retirada de um contexto discursivo em que o intuito da mensagem era o de encontrar o dono da chave.

- (8) a. **È già stato** in Brasile.
Ele já esteve no Brasil.
- b. **Qualcuno ha perso** una chiave ieri sera, vicino piazza del campo.¹⁴
Alguém perdeu uma chave ontem à noite, perto da praça do campo.

2.3. Comparação entre o português e o italiano

Diante dos exemplos expostos nas subseções anteriores, verificamos algumas das realizações do *perfect* universal e existencial no português e no italiano. Percebemos que o *perfect* universal, no português, pode ser expresso pelo passado composto, pelo presente do indicativo e pela perífrase progressiva, estando a leitura de *perfect* apoiada em expressões adverbiais em alguns casos. No italiano, pode ser expresso pelo presente do indicativo, estando a leitura de *perfect* igualmente apoiada em expressões adverbiais em alguns casos.

¹² A tradução literal para o português seria: “desde dois anos”.

¹³ É importante adiantar que o passado composto no italiano parece veicular apenas o passado, ao contrário do previsto pela gramática de Dardano & Trifone (1997), mencionada anteriormente. A relação com o presente não parece estar inteiramente codificada nessa forma verbal.

¹⁴ Exemplo retirado da página do site de relacionamento Facebook “Spotted: UNISI “Università degli Studi di Siena”” e postado no dia 13 de junho de 2014.

Já o *perfect* existencial, no português, pode ser expresso pelo passado simples, que indica a finalização da situação. A relação entre a situação passada e a sua repercussão no presente pode ser dada por meio do uso de advérbios/expressões adverbiais. No italiano, pode ser expresso pelo passado composto,¹⁵ que indica a finalização da situação. A relação entre a situação passada e a sua repercussão no presente, tal como no português, pode ser dada por meio do uso de advérbios/expressões adverbiais.

No que diz respeito às semelhanças entre essas línguas, percebemos que ambas se utilizam de formas verbais imperfectivas, como é o caso do presente do indicativo, para expressar o *perfect* universal. Além disso, as expressões adverbiais relacionadas à expressão do tipo universal nas duas línguas parecem marcar essencialmente a fronteira à esquerda; já os advérbios/expressões adverbiais relacionadas à expressão do tipo existencial nas duas línguas parecem marcar essencialmente a fronteira à direita.

No que diz respeito às diferenças entre essas línguas, percebemos que ambas fazem uso do passado composto em contextos distintos: no português, essa forma verbal ocorre em contexto de expressão de *perfect* universal; já no italiano, essa mesma forma ocorre em contexto de expressão de *perfect* existencial.

Diante da comparação estabelecida entre as duas línguas, verificamos que parece se confirmar a proposição de não uniformidade na expressão do *perfect* nessas línguas, visto que a forma verbal de passado composto, por exemplo, se comporta de maneira diferente nelas. Além disso, devemos chamar a atenção para o fato de que não há uma uniformidade na expressão entre os dois tipos de *perfect*, já que são utilizadas formas verbais distintas para a expressão dos dois tipos nas duas línguas.¹⁶ Assim sendo, é preciso propor uma análise de cunho estrutural de caráter universal que explique as semelhanças e diferenças encontradas nas línguas.

3. DISCUSSÃO

Com base na análise das realizações de *perfect* nas línguas investigadas e com base na comparação entre essas realizações, verificamos a necessidade de se discutir alguns pontos. Tal discussão tem como principal objetivo encaminhar as análises pautadas no nível da realização linguística para as análises pautadas no nível da representação sintática.

¹⁵ Não consideramos o passado simples uma forma verbal que pode ocorrer em contexto de expressão do *perfect* existencial com base em Comrie (1976), que defende que, no italiano, o uso do passado composto substitui o uso do passado simples na oralidade, em contexto de expressão de *perfect* ou não.

¹⁶ Podemos considerar ainda a existência de uma não uniformidade na expressão dos dois tipos de *perfect* no inglês se analisarmos as formas verbais alternativas ao passado composto nessa língua, como mencionado na nota de rodapé de número 6.

Primeiramente, devemos recuperar a associação entre aspecto gramatical e aspecto *perfect* estabelecida na seção 1. Ao retomarmos a ideia de que somente uma situação imperfectiva poderia ensejar uma leitura de *perfect* universal, verificamos que, de fato, as formas verbais que realizam *perfect* universal nas duas línguas estão relacionadas à expressão do aspecto imperfectivo, seja ele o habitual ou o contínuo. No tocante à realização do *perfect* existencial, verificamos que são utilizadas as mesmas formas verbais utilizadas na expressão do aspecto perfectivo, o que vai ao encontro da ideia de que somente uma situação perfectiva poderia ensejar uma leitura de *perfect* existencial.

Devemos ressaltar que essa associação também vale para o passado composto nas duas línguas: no português, o passado composto, que é uma das formas de expressão do *perfect* universal, é utilizado também para expressar situações imperfectivas, tal como em “Tenho trabalhado muito”, em que verificamos uma situação habitual e, portanto, imperfectiva; no italiano, o passado composto, que é a forma de expressão do *perfect* existencial, é também utilizado para expressar situações perfectivas, tal como em “*Ieri ho lavorato molto*”,¹⁷ em que verificamos uma situação vista como um todo no tempo e, portanto, perfectiva.

Assim sendo, verificamos que as formas verbais de *perfect* universal apresentam um traço [-delimitado] em função de a situação apresentar uma leitura imperfectiva. Para que haja uma extensão da situação iniciada no passado até o presente defendemos que, além da presença do valor aspectual não delimitado, existe um valor aspectual de continuidade subjacente às situações de *perfect* universal. Já as formas verbais de *perfect* existencial apresentam um traço [+delimitado] em função de a situação apresentar uma leitura perfectiva. Para que a situação finalizada no passado apresente uma relação com o presente, defendemos que, além da presença do valor aspectual delimitado, existe um valor aspectual de resultatividade subjacente às situações de *perfect* existencial. É possível, portanto, se pensar na ideia de que o valor aspectual de continuidade, no tocante ao universal, e o valor aspectual de resultatividade, no tocante ao existencial, sejam valores associados ao aspecto *perfect*. Em outras palavras, ambos os valores estão associados à constituição temporal interna de um intervalo PTS.

Em segundo lugar, devemos discutir o papel dos advérbios/expressões adverbiais associados às formas verbais que ocorrem em contextos de expressão de *perfect*. Uma análise atenta nos permite perceber que as formas verbais de presente do indicativo nas duas línguas e a perífrase progressiva no português podem ocorrer em contextos de expressão de uma situação puramente imperfectiva, sem indicar *perfect*. O mesmo ocorre com a forma verbal de passado simples no português e com a forma verbal de passado composto no italiano: ambas podem ocorrer em contextos de expressão de uma situação puramente perfectiva, sem indicar *perfect*. Para se especificar a noção de *perfect* associada a essas formas verbais, é necessário se valer do uso de advérbios/expressões adverbiais para determinar uma das fronteiras do intervalo PTS. Assim, o advérbio/expressão adverbial é fundamental para a constituição do *perfect*, sendo um elemento responsável por realizar os traços funcionais desse aspecto.

¹⁷ Uma tradução possível para o português dessa sentença seria: “Ontem trabalhei muito”.

Ao afirmar que o advérbio/expressão adverbial é fundamental para a constituição de *perfect*, aparentemente, entramos em confronto com a análise proposta, por exemplo, para as sentenças em (5b), do português, e (8b), do italiano, retomadas a seguir em (9b) e (10b), respectivamente. A análise proposta para esses exemplos é a de que há a expressão do aspecto *perfect* existencial nesses casos, embora não haja um advérbio/expressão adverbial explícito que determina a fronteira à direita, tal como o advérbio “já” no exemplo do português em (5a), retomado em (9a), e o advérbio “già” do italiano no exemplo em (8a), retomado em (10a). Argumentamos que não há um confronto entre a afirmação acerca da relevância do advérbio/expressão adverbial para o *perfect* e a sua não realização explícita, visto que é possível, em casos como o dos exemplos em (9b) e (10b), que a posição funcional do advérbio/expressão adverbial esteja sintaticamente ativa, embora a realização fonética desse constituinte seja nula. Assim, informações contextuais que indicam o resultado no presente da situação passada e que estão para além do domínio da sentença em que se realiza o *perfect* podem funcionar como pista para a identificação de um advérbio/expressão adverbial não realizado foneticamente.

- (9) a. José já **esteve** no sul do país.
b. João **preparou** a comida e ela está pronta para o jantar.
- (10) a. *È già stato in Brasile.*
Ele já esteve no Brasil.
b. *Qualcuno ha perso una chiave ieri sera, vicino piazza del campo.*
Alguém perdeu uma chave ontem à noite, perto da praça do campo.

Na seção 1, havíamos destacado a existência de uma classe de advérbios responsáveis por especificar informações aspectuais de *perfect*. Contudo, devemos atentar para a seguinte distinção interna a essa classe observada: os advérbios que marcam a fronteira à esquerda são advérbios de *perfect* do tipo universal; já os advérbios que marcam a fronteira à direita são advérbios de *perfect* do tipo existencial. Dessa maneira, parece haver duas classes distintas de advérbios de *perfect*.

Se considerarmos a proposta de Cinque (1999) de que advérbios se encontram em posição de especificador de projeções funcionais e que, portanto, a identificação de uma classe de advérbios nos dá pistas acerca da existência de uma projeção funcional, temos de considerar o advérbio para uma análise de cunho estrutural. Ao retomarmos a árvore sintática apresentada na figura 2, verificamos uma única projeção sintática para o aspecto *perfect* na camada flexional. Contudo, a identificação de duas classes adverbiais de *perfect* nos permite especular acerca da existência de duas projeções sintáticas para esse aspecto: uma relativa à projeção de *perfect* universal, cujos especificadores seriam advérbios que marcam a fronteira à esquerda, e outra relativa à projeção de *perfect* existencial, cujos especificadores seriam advérbios que marcam a fronteira à direita.

Logo, essa análise com base nos advérbios levanta a possibilidade de uma cisão da projeção de *perfect* na camada flexional. É possível reforçar essa proposta com base na análise das formas verbais verificadas, uma vez que se observou uma distinção no nível da realização morfológica entre os dois tipos de *perfect* nas duas línguas. Dessa maneira, propomos a possibilidade de uma cisão da projeção de *perfect*, uma para o tipo universal e outra para o tipo existencial, tanto com base nos advérbios quanto com base nas formas verbais encontradas tanto no português quanto no italiano. Tal proposta parece sustentar a intuição de Mittwoch (1988) quanto à possibilidade de os dois tipos de *perfect* divergirem entre si não só do ponto de vista semântico, mas também do ponto de vista da representação estrutural abstrata.

Ao levantarmos a possibilidade de cisão da projeção de *perfect* em duas projeções, há de se especular acerca dos traços sintáticos que instanciam essas projeções. Como já dito anteriormente, é possível estabelecer que os valores de continuidade e de resultatividade correspondam a traços sintáticos relativos às projeções de *perfect* universal e existencial, respectivamente. Em relação ao valor de resultatividade, esse substituiria o valor de não continuidade (considerado na seção 1 o valor associado ao *perfect* existencial) como sendo o valor aspectual essencial na caracterização do *perfect* existencial, visto que a resultatividade, ao lado da continuidade, necessariamente aciona um intervalo PTS, ao contrário do valor de não continuidade.

Dessa maneira, verificamos que os traços de [+delimitado] e [-delimitado], que instanciam a projeção de aspecto (AspP), não são os responsáveis por licenciar, respectivamente, advérbios/expressões adverbiais que marcam a fronteira à direita e advérbios/expressões adverbiais que marcam a fronteira à esquerda, tal como a árvore sintática apresentada na figura 2 nos levaria a pensar. Somente o traço de continuidade licenciaria advérbios/expressões adverbiais que marcam a fronteira à esquerda, indicando o início da situação no passado e a sua continuação no presente, tal como a expressão adverbial “desde X tempo”. De acordo com o mesmo raciocínio, somente o traço de resultatividade licenciaria advérbios/expressões adverbiais que marcam a fronteira à direita, indicando o resultado no presente da situação finalizada no passado, tal como o advérbio “já”.

Uma cisão, tal como a proposta neste trabalho, nos permite explicar a razão de o passado composto no português ser compatível apenas com advérbios de *perfect* do tipo universal e em italiano ser compatível apenas com advérbios de *perfect* do tipo existencial. Mais especificamente, nos permite levantar especulações a respeito da checagem de traços dos auxiliares que compõem o passado composto na camada flexional no tocante ao aspecto *perfect*: no português, o auxiliar do passado composto checaria traço positivo apenas no núcleo do *perfect* universal, que teria como especificador um advérbio de *perfect* do tipo universal; no italiano, o auxiliar do passado composto checaria traço positivo apenas no núcleo do *perfect* existencial, que teria como especificador um advérbio de *perfect* do tipo existencial, quando essa forma verbal ocorre em contexto de expressão de *perfect* nessa língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi proposta uma investigação acerca do aspecto *perfect*, tanto do tipo universal quanto do tipo existencial, a partir da comparação de algumas das suas realizações no português e no italiano. Uma diferença encontrada entre as línguas diz respeito ao comportamento do passado composto na expressão desse aspecto: no português, essa forma verbal ocorre em contexto de expressão do *perfect* universal e, no italiano, essa forma verbal ocorre em contexto de expressão do *perfect* existencial. Apesar dessa diferença entre as línguas, observamos que, nas duas línguas, as formas verbais que ocorrem em contexto de expressão de *perfect* diferem em relação aos tipos. Observamos ainda que, nas duas línguas, as expressões adverbiais relacionadas aos tipos de *perfect* são de naturezas distintas, o que nos levou a advogar em favor da possível existência de duas classes adverbiais associadas a esse aspecto.

Uma vez resumida a investigação proposta neste trabalho, devemos retomar os objetivos e a hipótese deste trabalho. O objetivo geral deste trabalho era o de contribuir para uma proposta de representação sintática do aspecto *perfect* e o específico era o de comparar algumas das realizações no português e no italiano no que diz respeito aos dois tipos de *perfect*. Tais objetivos foram alcançados, visto que a comparação entre as realizações de *perfect* nas duas línguas nos permitiu traçar considerações e contribuir para os estudos sobre a representação sintática do aspecto *perfect*: levantamos a possibilidade de haver uma cisão da projeção relativa ao aspecto *perfect* considerada na literatura, com base na distinção entre as formas verbais na expressão dos dois tipos de *perfect* e com base na possível existência de duas classes adverbiais de *perfect*. Ao propor essa cisão, refutamos a hipótese de haver uma representação sintática comum para os dois tipos de *perfect*, tendo em vista que uma projeção única para esse aspecto não explicaria as distinções encontradas no nível da realização.

Por fim, é preciso destacar três pontos relevantes para desdobramentos futuros deste trabalho. O primeiro diz respeito a uma investigação acerca da natureza das duas projeções funcionais propostas aqui. Nesse sentido, fazem-se necessárias novas investigações acerca dos traços que projetariam os núcleos funcionais de *perfect*, o que levaria a um refinamento da caracterização desses traços. O segundo diz respeito à identificação da hierarquia dessas projeções. Nesse sentido, fazem-se necessárias mais investigações, podendo se levar em consideração a análise da realização do *perfect* universal e do *perfect* existencial em mais línguas. Por fim, o terceiro diz respeito a um levantamento mais sistemático da natureza dos advérbios, em diferentes línguas, que ocupem a posição de especificador das projeções de *perfect*, o que também contribuiria para a caracterização dos traços que constituem os núcleos das projeções funcionais propostas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim. Introduction: the modules of perfect constructions. In: _____. *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. pp. v-xxxviii.
- AROZIO, Fabrizio. *Tense, aspect and temporal homogeneity*. Tübingen: Seminar für Sprachwiss, 2005.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The cartography of syntactic structures. *CISCL Working Papers on Language and Cognition*, Siena, v. 2, pp. 43-59. 2008.
- COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. New York: Cambridge University Press, 1976.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. *La Nuova Grammatica della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli, 1997.
- GIORGI, Alessandra; PIANESI, Fabio. *Tense and Aspect: from Semantics to Morphosyntax*. New York: Oxford University Press, 1997.
- IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (Eds.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. pp. 153-205.
- ILARI, Rodolfo. Notas sobre o passado composto em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 129-152. 2001.
- LOPES, Thaís Lima. *A realização morfológica do aspecto perfect no português do Brasil e no inglês britânico - uma análise comparativa*, 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- MAGNOTTA, Elizabeth. Past simple & present perfect: Distribution in the Standard Italian of Greater Rome. *Working Papers of the Linguistics Circle of the University of Victoria*, Victoria, v. 21, pp. 92-101. 2011.
- MCCOARD, Robert. *The English Perfect: Tense Choice and Pragmatic Inferences*. Amsterdam: North-Holland Press, 1978.
- MITTWOCH, Anita. Aspects of English Aspect: On the Interaction of perfect, progressive, and Durational Phrases. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, v. 11. pp. 203-254. 1988.
- MOLSING, Karina. Reflexões teóricas sobre o passado composto. *Revista Letras*, Curitiba, n. 81, pp. 177-191. 2010.
- NOVAES, Celso Vieira; NESPOLI, Juliana Barros. O traço aspectual de perfect e as suas realizações. *Revista FSA*, Teresina, v. 11, n. 1, pp. 255-279. 2014.

PANCHEVA, Roumyana. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim (Eds.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. pp. 277-308.

SIGURÐSSON, Halldór Ármann. Meaningful silence, meaningless sounds. *Linguistic variation yearbook*, Lund, v. 4, pp. 235-259. 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 1981.